

A COMIDA ACABA, A PARCELA FICA

O hambúrguer acaba antes da primeira parcela vencer.

Talvez nenhuma frase descreva melhor o Brasil de hoje.

Durante décadas, financiamos casas, carros, máquinas e outros bens que continuavam existindo enquanto eram pagos. Agora começamos a financiar refeições. Parece apenas mais uma facilidade oferecida por um aplicativo. Mas ela revela uma mudança silenciosa: o crédito começa a ocupar um espaço que, em uma economia saudável, deveria pertencer à renda.

O problema não é parcelar um almoço de forma excepcional. O crédito sempre teve uma função importante. Ele permite investir, ampliar um negócio, comprar um bem durável ou enfrentar uma emergência. O sinal de alerta aparece quando deixa de antecipar prosperidade e passa a substituir renda. Uma coisa é usar o dinheiro de amanhã para adquirir algo que continuará produzindo valor. Outra é usá-lo para pagar uma refeição que desaparece antes da primeira cobrança.

É curioso observar como a lógica muda. Ninguém pergunta quanto custa o pedido. A pergunta passa a ser outra: cabe em seis vezes? A parcela não reduz o preço da comida. Apenas torna o desembolso imediato menos pesado. Parece um detalhe, mas não é. Aos poucos, deixamos de discutir o preço e passamos a discutir o tamanho da prestação.

Um pedido não muda a vida de ninguém. Dez parcelas pequenas também não. O problema aparece quando essa lógica invade o cotidiano. Primeiro é o delivery. Depois vêm o supermercado, a farmácia, a conta de luz, o combustível e tantas outras despesas. Isoladamente, cada prestação parece inofensiva. Somadas, começam a disputar espaço dentro de um salário que ainda nem foi recebido.

Do lado das empresas, o incentivo também muda. Antes, a falta de dinheiro do consumidor era um obstáculo para vender. Agora ela pode se transformar em uma oportunidade de negócio. O restaurante continua fazendo comida. O entregador continua entregando. O consumidor continua com fome. A novidade é que alguém descobriu que também pode ganhar dinheiro com o intervalo entre a primeira mordida e a última parcela.

A mesma refeição pode gerar comissão, receita com pagamentos, informações sobre o comportamento do cliente e, dependendo da operação, receita financeira. Não é necessariamente uma venda nova. É uma nova forma de monetizar uma venda que provavelmente aconteceria de qualquer maneira.

O ponto não é o hambúrguer. É a mudança de lógica. Durante muito tempo, o crédito serviu para antecipar a compra de algo que permaneceria com você por anos. Uma casa, um carro, uma máquina, um equipamento. Agora ele começa a financiar despesas que desaparecem em poucos minutos. A refeição parcelada é apenas o sintoma mais visível de uma economia que, diante da perda do poder de compra, encontrou mais facilidade em oferecer crédito do que em criar condições para que as famílias ganhem mais.

Parcelar um hambúrguer não é, por si só, um problema. Cada pessoa conhece a própria realidade e deve ser livre para decidir como administra o seu dinheiro. O que preocupa é quando isso deixa de ser uma exceção e passa a parecer normal.

Uma economia forte faz o salário pagar a comida deste mês. Uma economia fragilizada oferece uma parcela para que ela seja paga com o salário do próximo.

O hambúrguer em seis vezes não é apenas uma nova forma de pagamento. É um retrato do país que estamos construindo.

O empobrecimento sempre foi programado.

- **Crédito no prato:** O uso do parcelamento para custear refeições e outras despesas consumidas antes do pagamento da dívida.
- **Salário insuficiente:** A expansão do crédito sobre gastos cotidianos como supermercado, farmácia, energia e combustível.
- **Monetização da escassez:** A transformação da falta de renda do consumidor em comissões, dados comerciais e receitas financeiras.

